

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://activismsinafrica2023.weebly.com>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2023 by Universidade do Porto. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## P 17

### Reparações históricas e a desmontagem do passado colonial

Vítor de Sousa, Sheila Khan (CECS-Universidade do Minho)

#### **Reparar, reparando: a memória colonial na House of European History**

**Inês Beleza Barreiros – FCSH/Universidade Nova de Lisboa**

Na língua portuguesa, o verbo reparar tem dois significados: reparar no sentido de consertar, compensar, indemnizar; ou reparar no sentido de fixar o olhar, ver com cuidado, tomar atenção, notar, observar. Pese embora seja o museu uma tecnologia colonial emergindo de um contexto específico, qualidade por vezes inultrapassável, a sua função é a de dar a ver. No museu detemos o olhar nos objectos, na sua montagem, na história que estes nos contam; portanto, reparar na segunda acepção da palavra. No entanto, de um museu hoje exige-se que contrarie a sua genealogia colonial e sirva também para reparar, consertar, restabelecer; portanto, reparar na primeira acepção da palavra.

O projecto para a criação da Casa da História Europeia foi lançado em 2007 pelo então Presidente do Parlamento Europeu, Hans-Gert Pöttering, e seria inaugurado dez anos depois, em Bruxelas. O seu objectivo é “reforçar a consciência da herança cultural e civilizacional Europeia, sensibilizar para a diversidade de memórias no seio da Europa, permitindo uma melhor compreensão do presente”. Neste paper abordarei criticamente, através de uma análise discursiva dos documentos fundadores, do projecto curatorial, da retórica visual e expositiva e dos objectos que foram integrando a recente colecção, a forma como o colonialismo é pensado e exposto e como tal pode traduzir a persistência de uma episteme colonial no presente, que se alimenta de um pretensão “passado comum Europeu” e dá forma ao seu complexo.

A partir de literatura recente sobre as reparações procurarei responder à seguinte questão: de que forma este museu recentemente inaugurado assume (ou não) o colonialismo como a experiência mais comum e partilhada das histórias nacionais europeias? E, decorrente disso, de que forma esta Casa está a responder (ou não) às mais recentes demandas por reparações e acolhe todos os que desde sempre habitaram o espaço europeu?

#### **Thiaroye, Casamansa e Sétif: os massacres coloniais representados em filmes de Ousmane Sembène e Rachid Bouchareb**

**Alysson Brenner Nogueira Pereira - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade da Beira Interior (UBI)**

Esta comunicação é parte dos resultados das duas pesquisas de Iniciação Científica já finalizadas, ambas financiadas pelo CNPq, e que continuam na terceira, que está em andamento, financiada pela Fapesp (Processo 21/13569-8) - intitulada “‘Fogo à vontade!’ - lendo os massacres coloniais pelos filmes senegaleses ‘Emitai’ (1971) e ‘Camp de Thiaroye’ (1988), de Ousmane Sembène”. O objetivo da comunicação é pensar as representações de massacres coloniais que aconteceram em territórios africanos da colonização francesa durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) - os

massacres de Casamansa (1942), Thiaroye (1944) no Senegal (na época, África Ocidental Francesa - AOF) e Sétif (1945), na Argélia. Para isso apresentaremos leituras das duas obras cinematográficas do “pai do cinema africano”, o cineasta senegalês Ousmane Sembène (1923-2007): “Emitai” (1971) e “Camp de Thiaroye” (1988). Os dois longa-metragens mostram representações da violência colonial presente no Senegal, nosso objetivo é pensar como são construídas tais visões por Sembène, um cineasta conhecido pelo seu cinema político e criticidade, principalmente em relação à França, o país colonizador. Pretendemos pensar os cinemas africanos em dois contextos, o primeiro por meio dos filmes de Sembène - ou seja, um cinema do continente africano em suas origens, afinal, ele foi o responsável pela realização do primeiro longa-metragem produzido na África Subsaariana por um africano: “La Noire De” (1966). Mas além desta, faremos um diálogo com os cinemas africanos da contemporaneidade por meio do cineasta franco-argelino Rachid Bouchareb (1953-). Apresentaremos duas de suas obras: a animação curta-metragem “L’ami y’a bon” (2004) e o longa-metragem “Hors La Loi” (2010). Gostaríamos de desenvolver tais análises baseados em ideias de autores da teoria pós-colonial como Aimé Césaire e Frantz Fanon, de modo a contribuir para a área da relação entre Cinema e História, pensado a partir das especificidades dos cinemas africanos, e também da História da África Contemporânea.

### **Ubuntu na transformação social de África pelo conhecimento**

**Felisberto Costa, Ana Silva - CeIED - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

Sendo a filosofia definida como amor à sabedoria, encontra-se fundada na experiência individual e coletiva do ente condicionado por determinado tempo e espaço, sendo, por isso, particular e não universal (Dutra, 2020). Ora, a consideração da particularidade da filosofia, e do capital cultural do ser (Bourdieu, 1989; Edgerton & Roberts, 2014, Ade-ojo, 2021), faz-nos entender a filosofia como pluriversal (Ramose, 2011). Entretanto, a colonização, fundada sobre dois ideais que a impulsionavam: que todos os homens deviam ser cristianizados (Williams, 1990) e que somente o homem ocidental era dotado de razão (Ramose, 2011), além de expropriar o continente dos seus filhos e recursos naturais, tentou anular a sua cultura. Negar a existência de uma filosofia africana é negar o estatuto ontológico de seres humanos dos africanos (Blondy, 1986), que inclui a racionalidade universal do ser humano, afirmada por Aristóteles e, moldada pela sua dimensão axiológica; é negar a pluriversalidade da filosofia, construída pela particularidade ontológica do ente que filosofa na base da experiência e capital cultural próprio (Obenga, 2004a); é negar a declaração universal dos direitos humanos (ONU, 1948); é expor a necessidade oculta de subjugar os demais por um projeto de poder e de hegemonia que se impõe aos outros e deseja subalternizá-los (Obenga, 2004b). A comunicação que se propõe visa responder à questão: como pode a filosofia africana ubuntu ser referencial para a transformação social de África pelo conhecimento? Nesta era de democracia, globalização e de pluralidade de meios de informação, cabe a universidade africana produzir e difundir conhecimento (Kamp, 2021) com caráter visionário, missionário e revolucionário, que fortaleça as comunidades e as mova adiante, como postula ubuntu, de mal para bem, de bem para o melhor e daí para o futuro (Mabota, 2019; Khilji, 2021; Brás, 2021), neste movimento ascendente de transformação pessoal e social (Akhter, 2020).

Os regressados e o passado colonial

João Carlos Correia - Universidade da Beira Interior